

*O destino de
duas mulheres
colide ao longo
dos séculos*

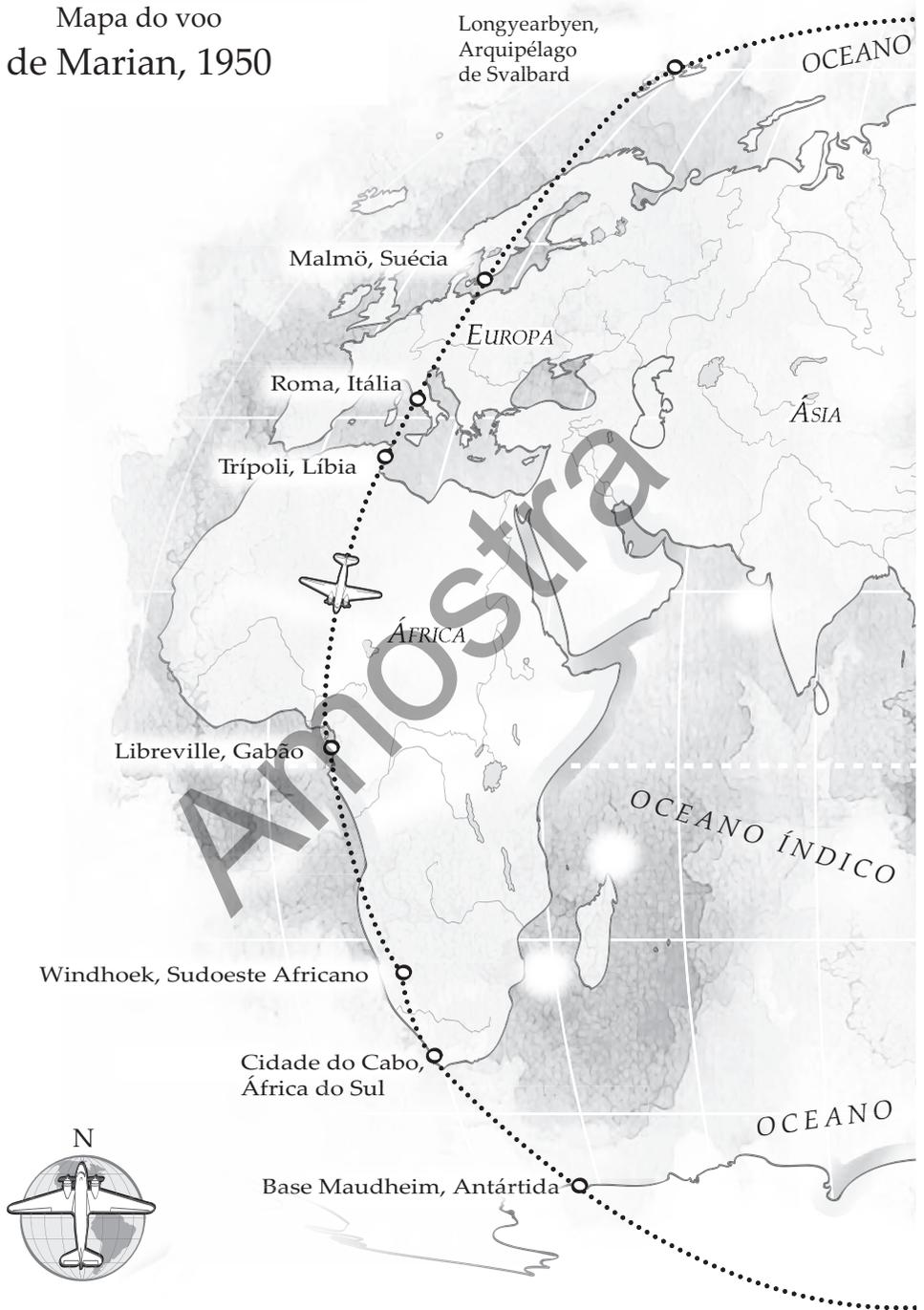
O GRANDE CÍRCULO

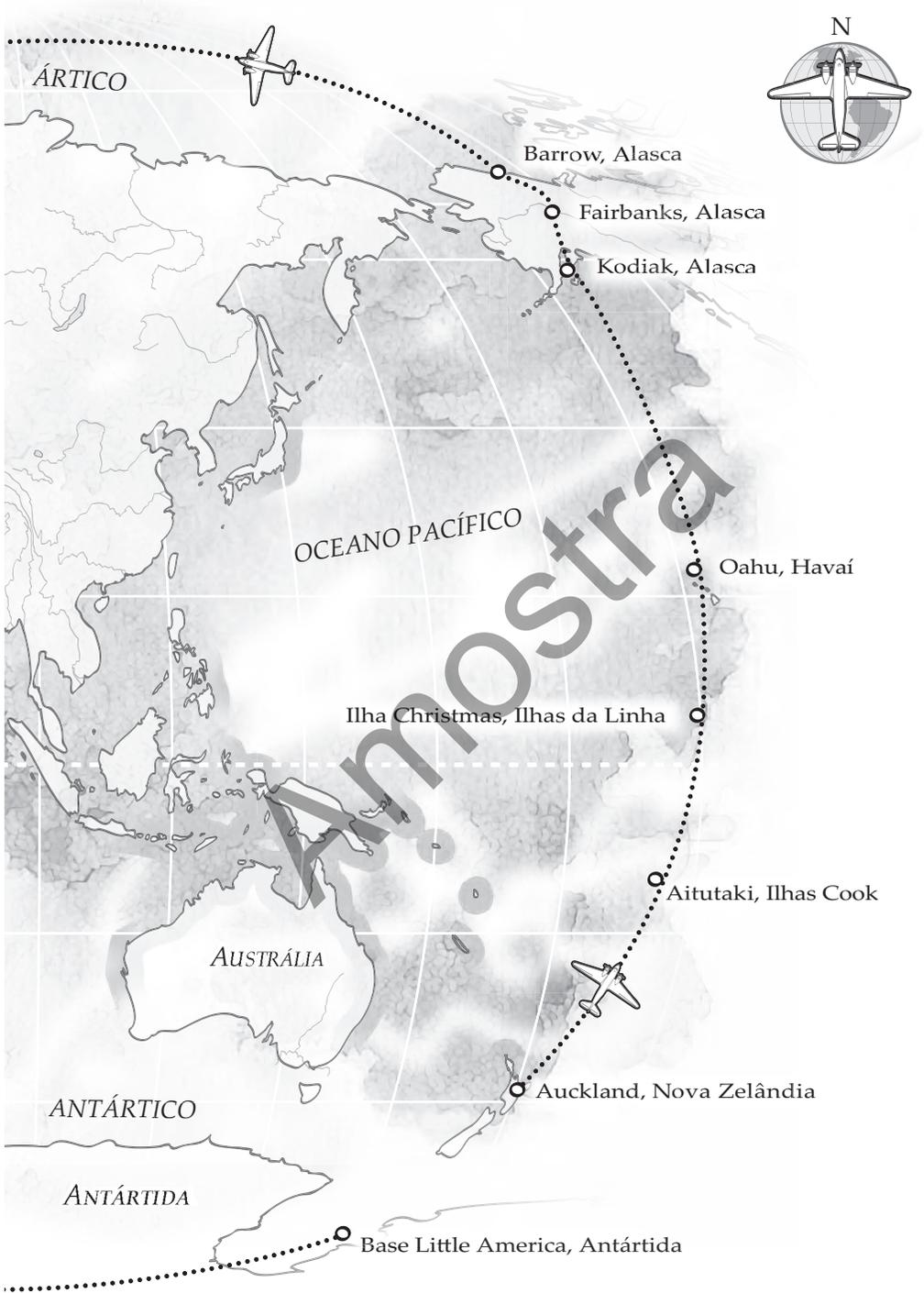
MAGGIE
SHIPSTEAD



Rio de Janeiro, 2022

Mapa do voo de Marian, 1950







Little America III, Plataforma de Gelo Ross¹, Antártida
4 de março de 1950

Nasci para rodar o mundo. Meu destino era o firmamento, assim como o destino de uma ave marinha é o oceano. Algumas aves voam até o dia de sua morte. Tinha prometido a mim mesma que minha última descida não seria desgobernada ou sem rumo: eu mergulharia incisivamente, de cabeça, como um alcatraz — um mergulho determinado, mirando algo nas profundezas do oceano.

Estou prestes a partir. Tentarei remover a parte inferior e superior do círculo, aproximando-me do fim, para encontrar o começo. Gostaria que a linha fosse um meridiano harmonioso, um aro perfeito e conciso, mas, por necessidade, desviamos do nosso curso: o ordenamento indiferente das ilhas e aeródromos, a necessidade de abastecer o avião.

Não me arrependo de nada, mas vou, se me deixar levar. Só consigo pensar no avião, no vento e na beira-mar, tão distante, onde a terra começa novamente. O tempo está melhorando. Consertamos o vazamento da melhor forma possível. Partirei em breve. Odeio dias que nunca terminam. O Sol me rodeia como um abutre. Quero repousar sob as estrelas.

Círculos são fascinantes porque são infinitos. Qualquer coisa infinita é fascinante. No entanto, a infinitude também é dolorosa. Eu sabia que o horizonte jamais poderia ser alcançado, mas ainda assim o persegui. O que fiz foi loucura; não tive escolha senão fazê-lo.

Não é como imaginei. Agora que o círculo está quase fechado, o começo e o fim separados por um último e amedrontador pedaço de água. Acreditei que veria o mundo, porém há muito do mundo a ser visto, e vi pouco da vida. Acreditei que concluiria algo, mas agora duvido que algo possa ser concluído. Pensei que não sentiria medo. Pensei que me tornaria mais do que sou, porém,

¹ Entrada de texto final de *The Sea, the Sky, the Birds Between: The Lost Logbook of Marian Graves*. Publicado por D. Wenceslas & Sons, Nova York, 1959.

em vez disso, sei que sou menos do que pensava. Ninguém deveria ler isso.
Minha vida é a única coisa que me pertence.

E apesar disso, e ainda assim.

Amostra



Los Angeles
Dezembro de 2014

Só conheci Marian Graves porque uma das namoradas do meu tio gostava de me largar na biblioteca quando eu era menina, e uma vez peguei um livro aleatório cujo nome era mais ou menos *Brave Ladies of the Sky*. Meus pais simplesmente pegaram um avião e nunca mais voltaram, e comprovou-se que uma porcentagem razoável dessas mulheres corajosas sucumbira ao mesmo destino. Isso chamou minha atenção. Talvez eu estivesse procurando alguém para me dizer que um acidente de avião não era lá uma forma tão ruim de morrer — apesar de que, se alguém tivesse realmente me dito isso, eu acharia uma baboseira sem tamanho. O capítulo sobre Marian dizia que ela fora criada por seu tio, e, quando li isso, fiquei toda arrepiada, porque *eu* estava sendo criada (mais ou menos) pelo *meu* tio.

Um simpático bibliotecário encontrara o livro de Marian para mim — *The Sea, the Sky etc.* —, e eu me debrucei sobre ele como uma astróloga explorando uma carta celeste, o mapa do céu, na esperança de que a vida de Marian de algum modo explicasse a minha, dissesse-me o que fazer e como agir. Não entendi quase nada do que ela escreveu, embora sentisse uma vaga inspiração de transformar minha solidão em aventura. Na primeira página do meu diário, escrevi “NASCI PARA RODAR O MUNDO” em grandes letras maiúsculas. Porém, depois disso não escrevi mais nada, porque como se faz alguma coisa quando se tem 10 anos e fica o tempo todo ou na casa do seu tio em Van Nuys ou fazendo testes para comerciais de televisão? Após devolver o livro, praticamente me esqueci de Marian. Na verdade, quase todas as mulheres corajosas do céu foram esquecidas. De vez em quando, na década de 1980, passava um especial sinistro na TV sobre Marian, e um grupo de entusiastas inveterados até hoje continua maquinando teorias na internet, porém ela não seguiu o mesmo caminho de Amelia Earhart. Pelo menos as pessoas *acham* que sabem tudo sobre Amelia Earhart, ainda que não saibam. Realmente, é impossível saber.

O fato de ter sido largada na biblioteca com tanta frequência acabou sendo uma coisa boa, porque, enquanto outras crianças estavam na escola, eu ficava sentada em filas de cadeiras dobráveis nos infundáveis corredores dos *castings* da Grande Los Angeles para garotinhas brancas (ou de etnia não especificada, o que também quer dizer brancas), acompanhada por uma sucessão de babás e namoradas do meu tio Mitch, duas categorias que às vezes coincidiam. Penso que suas namoradas por vezes se ofereciam para cuidar de mim porque queriam que meu tio enxergasse o instinto maternal delas, achando que assim pareceriam mulheres perfeitas para casar. Só que essa não era uma estratégia lá muito boa para manter a chama do velho Mitch acesa.

Quando eu tinha 2 anos, o avião Cessna dos meus pais caiu no Lago Superior, entre o Canadá e os Estados Unidos. Ou presume-se que tenha caído. Nenhum vestígio foi encontrado. Meu pai, irmão de Mitch, estava pilotando, e eles estavam a caminho de uma estadia romântica no chalé de algum amigo, no meio do nada, para, segundo Mitch, reconectar-se. Eu ainda era pequena quando ele me contou que, na época, minha mãe vivia dando umas escapadas. Palavras dele. Não tenho certeza se Mitch acreditava na inocência da infância. “Mas eles também não desistiam um do outro”, falava. Mitch definitivamente acreditava em frases de efeito. Ele começara dirigindo filmes bregas para a TV com títulos como *Love Takes a Toll* (sobre um cobrador de pedágio) e *Murder for Valentine’s Day* (tente adivinhar sobre o quê).

Meus pais haviam me deixado com um vizinho em Chicago, mas o último testamento me deixava com Mitch. Na verdade, não havia mais ninguém. Nenhuma outra tia ou tio, e meus avós eram uma combinação de mortos, distantes, ausentes e pouco confiáveis. Mitch não era má pessoa, mas tinha impulsos oportunistas e hollywoodianos; assim, depois de alguns meses, cobrou um favor, e fui escalada para um comercial de compota de maçã.

Depois que ele contratou minha agente, Siobhan, trabalhei direto em comerciais e participações especiais em filmes de TV (interpretei a filha em *Murder for Valentine’s Day*) — tanto que mal consigo lembrar de uma época em que não estivesse atuando ou tentando atuar. Para mim, aquela era a vida normal: colocar um pônei de plástico em um estábulo de plástico repetidas vezes enquanto as câmeras filmavam e algum adulto me dizia como sorrir.

Quando eu tinha 11 anos, depois que Mitch progrediu de filmes para TV para videoclipes e começou a se aventurar de forma tímida e entusiasmada no mundo do cinema independente, consegui minha grande estreia notória:

o papel de Katie McGee em um seriado infantil de comédia para TV a cabo chamado *The Big-Time Life of Katie McGee*.

No set, minha vida era imaculada e em tons pastéis, cheia de trocadilhos, enredos organizados e cômodos com três paredes sob um céu quente de holofotes. Eu exagerava de propósito nas risadas estridentes enquanto vestia roupas extravagantes da moda que mais me faziam parecer a manifestação de um *zeitgeist* pré-adolescente. Quando não estava trabalhando, fazia basicamente tudo o que queria, graças à negligência de Mitch.

Em seu livro, Marian Graves escreveu: *quando criança, meu irmão e eu fomos deixados à própria sorte. Eu acreditava — e ninguém me disse o contrário durante alguns anos — que era livre para fazer o que quisesse, que tinha o direito de ir a qualquer lugar que quisesse. É provável que eu fosse uma pirralha ainda mais impetuosa do que Marian, apesar de sentir o mesmo. O mundo estava a meus pés, e eu tinha a liberdade de ir e vir. Quando a vida lhe dá limões, use-os para enfeitar seus martinis.*

Aos 13 anos, depois que *Katie McGee* começou a vender como água devido à campanha de marketing e depois que Mitch dirigiu *Tourniquet*, fazendo mais sucesso do que drogas ilegais fazem entre os animados toxicodependentes chapados, ele pegou nosso dinheiro, e nos mudamos para Beverly Hills. Como eu não estava mais presa no Valley, o garoto que interpretava o irmão mais velho de Katie McGee me apresentou a seus amigos ricos e canalhas do ensino médio que andavam de carro por aí comigo, levando-me a festas e me atraindo para trepar. Mitch nem deve ter percebido minha ausência, porque em geral estava fora também. Não raro, esbarrávamo-nos, voltando para casa às 2h ou 3h da manhã, ambos trocando as pernas, e dizíamos oi só com acenos de cabeça, como dois participantes da mesma conferência agitada se cruzando num corredor de hotel.

Mas havia uma coisa boa: os tutores no set de *Katie McGee* eram pessoas decentes e me aconselharam a cursar uma faculdade, e, como gostei da ideia, fui para a Universidade de Nova York, a NYU, depois que a série acabou, com créditos extras significativos por ser uma semicelebridade da TV. Eu já havia feito as malas e estava pronta para me mudar quando Mitch sofreu uma overdose, e é provável que, se isso não tivesse acontecido, eu teria continuado em L.A. aloprando até morrer também.

Porém, aconteceu algo que não sei se foi bom ou ruim: depois de um semestre, fui escalada para o primeiro filme *Archangel*. Não raro, ficava imaginando

o que teria acontecido se, em vez disso, tivesse concluído a faculdade, parado de atuar e sido esquecida, mas não poderia recusar a quantia astronômica de dinheiro que ganhei ao interpretar Katerina. Assim, todo o resto passou a ser irrelevante.

Na minha curta passagem pelo ensino superior, tive tempo de cursar Introdução à Filosofia e aprender sobre o panóptico, a prisão hipotética que Jeremy Bentham idealizou, onde haveria uma pequena guarita no centro de um anel gigante de celas. Só era preciso um guarda, que *podia* vigiar você a qualquer momento, e a ideia de ser observado importava mais do que ser observado de fato. Mas, daí, Foucault transformou a coisa toda em uma metáfora sobre como, para disciplinar e subjugar uma pessoa ou população, só é preciso fazê-la pensar que pode estar sendo vigiada.

Dava para perceber que o professor queria que pensássemos no panóptico como algo assustador e medonho, porém, mais tarde, quando fiquei bastante famosa com *Archangel*, desejei que a máquina do tempo ilógica de Katie McGee me levasse de volta à sala de aula, para pedir que ele considerasse o oposto. No lugar de um guarda no meio, é você que está no meio, e milhares, talvez milhões de guardas estão observando-o — ou talvez estejam — o tempo todo, não importa aonde você vá.

Não que eu me atrevesse a perguntar qualquer coisa a um professor. Na NYU, todo mundo estava sempre me encarando porque eu era Katie McGee, contudo, parecia que me encaravam porque sabiam que eu não merecia estar lá. E talvez não merecesse mesmo, no entanto, não se pode medir a justiça em um ensaio clínico. Você não consegue saber se *merece* algo. Provavelmente não merece. Assim, acabou sendo um alívio quando abandonei a faculdade, para me dedicar ao filme *Archangel*, voltando a ter milhões de compromissos que eu não escolhia e um cronograma diário que não era decisão minha. Na faculdade, folheei o catálogo de cursos, tão grosso quanto um dicionário, em completa perplexidade. Eu perambulava pelo refeitório, olhando todas aquelas comidas diferentes, os buffets de salada, as montanhas de bagels, os potes de cereal e a máquina de sorvete, e senti que estava sendo convidada a solucionar algumas questões incomensuráveis, de vida ou morte.

Depois que estraguei tudo e que Sir Hugo Woolsey (que, por acaso, é meu vizinho) começou a falar comigo sobre um filme biográfico que produzia e tirou o livro de Marian da bolsa — um livro em que eu não pensara durante quinze anos — de repente, eu estava em uma biblioteca de novo, olhando para

um livro fino de capa dura que podia encerrar todas as respostas. Seria ótimo ter respostas. Aparentemente era algo que eu queria, não que eu conseguisse decifrar o que queria. Não que realmente soubesse o significado da palavra querer. Na maioria das vezes, experimentei o desejo como um emaranhado de impulsos inconcebíveis e contraditórios. Queria sumir como Marian; queria ser mais famosa do que nunca; queria dizer algo importante sobre coragem e liberdade; queria *ser* corajosa e livre, mas sequer sabia o que isso significava — só sabia fingir saber, o que presumo ser atuação.

Hoje é meu último dia de filmagem para *Peregrine*. Estou sentada em um modelo do avião de Marian, pendurado em um sistema de roldanas e prestes a ser jogado em um tanque de água gigante. Estou vestindo um casaco de pele de rena que já pesa o bastante e ficará ainda mais pesado quando eu me molhar, e tento não deixar transparecer que estou com medo. Bart Olofsson, o diretor, chamou-me de lado antes, perguntou se eu queria mesmo fazer aquela cena, sem dublês, tendo em vista o que aconteceu com meus pais. *Acho que quero enfrentar*, afirmei. *Acho que preciso colocar um ponto final nisso*. Ele colocou a mão no meu ombro e fez sua melhor expressão de guru. *Você é uma mulher forte*, disse.

No entanto, não é possível encerrar situações. Por isso, estamos sempre tentando alcançar esse ponto final.

O ator que interpreta Eddie Bloom, meu copiloto, também está vestindo um casaco de pele de rena e maquiagem com efeito de sangue à prova d'água na testa, pois ele deve desmaiar com o impacto. Na vida real, Eddie geralmente se sentava atrás de Marian, porém, os roteiristas, dois irmãos agressivamente entusiasmados, com cortes de cabelo no estilo e a cara da Juventude Hitlerista, pensaram que seria melhor se Eddie aparecesse para o mergulho fatal. Claro, sem problemas, tanto faz.

Seja como for, a história que está sendo contada não é o que de fato aconteceu. Tenho consciência disso. Mas não diria que sei a verdade sobre Marian Graves. Só ela sabia.

Oito câmeras gravarão minha queda: seis fixas, duas operadas por mergulhadores. O plano é fazer a cena em uma tentativa. Duas, no máximo. A tomada custa os olhos da cara, e, visto que nosso orçamento nunca foi imenso e agora estávamos gastando mais ainda, você chega a um ponto em que a única alternativa é seguir em frente. Na melhor das hipóteses, a cena levaria o dia inteiro. Na pior, eu me afogo, acabo me tornando uma nota de falecimento,

como meus pais, com a única diferença de que estarei em um avião falso e em um oceano fictício, sem ao menos tentar chegar a algum lugar.

— Tem certeza que quer fazer isso? — pergunta o coordenador de dublês de forma profissional, enquanto verifica o meu cinto e entre as minhas pernas, tateando as alças e as presilhas em meio aos pelos eriçados do casaco de pele de rena. Fiel ao seu tipo, sua expressão é sisuda, suas roupas, austeras, e me parece que ele sempre está disponível para serviços imperfeitos de reparos.

— Absolutamente — respondi.

Quando ele termina, o guindaste nos levanta, balançando-nos. No final do tanque, há uma tela difusora que forma uma espécie de horizonte com a água, e eu sou ela, Marian Graves, sobrevoando o Oceano Antártico quase sem combustível, e sei que não posso sair de onde estou para chegar a outro lugar, pois estou no meio do nada. Pergunto-me o quão fria a água estará, quanto tempo até eu morrer. Analiso minhas opções. Penso sobre o que prometi a mim mesma: mergulharia como um alcazaz.

— Ação! — diz uma voz no meu ponto eletrônico, e empurro o manche do avião fictício como se fosse nos precipitar para o centro da Terra. O sistema de roldana nos levanta, e mergulhamos.



JOSEPHINA ETERNA

Glasgow, Escócia
Abril de 1909

Uma embarcação inacabada. Um casco sem chaminés, enjaulado em sua carreira de lançamento por um pórtico de aço acima e um berço de madeira abaixo. Para além da popa, sob as quatro flores impotentes das hélices expostas, o Rio Clyde fluía coberto de folhagens sob a luz do Sol inesperada.

Da quilha à linha d'água, a embarcação era vermelha como ferrugem e, mais acima, especialmente pintada para o lançamento ao mar, era branca como uma noiva. (O tipo de branco apropriado para artigos e fotos de jornal.) Após todos os flashes fotográficos cessarem, após ser ancorada sozinha no rio para preparação e provas do mar, os homens ficarão de pé em tábuas penduradas por cordas grossas nas laterais e pintarão as placas e rebites do casco de preto lustroso.

Suas duas chaminés serão içadas, parafusadas e amarradas no lugar. O convés será revestido de teca, e os corredores e salões, decorados com painéis de mogno, noqueira e carvalho. Haverá sofás e namoradeiras e espreguiçadeiras, camas e banheiras, paisagens marítimas em molduras douradas, deuses e deusas em bronze e alabastros. A primeira classe terá porcelana com bordas douradas, decoradas com âncoras de ouro (o emblema da L&O Lines). Para a segunda classe: âncoras azuis, borda azul (a cor da linha azul). A terceira classe terá que se contentar com louças brancas, e a tripulação, com pratos de estanho. Chegarão vagões repletos de cristais, prata, porcelana, tecidos adamascados e veludo. Os guindastes içarão três pianos a bordo, que ficarão pendurados em redes como animais rígidos e pesados. Uma floresta de palmeiras em vasos passará pela escada de acesso da embarcação. Os lustres serão pendurados. As cadeiras de convés com dobradiças que mais parecem mandíbulas de jacaré

ficarão empilhadas. Mais tarde, o primeiro carregamento de carvão será despejado por meio das aberturas baixas do casco, em casamatas abaixo d'água, longe de toda a pompa. No fundo das fornalhas da embarcação, o primeiro fogo será aceso.

Contudo, no dia de seu lançamento ao mar, a embarcação não passava de uma casca, uma cunha de aço desnuda e sem conforto. À sombra dela, uma multidão se acotovelava: trabalhadores navais se aglomeravam em uma massa desordeira e rumorosa, famílias de Glasgow se sobressaíam em meio ao espetáculo, garotos maltrapilhos de rua vendiam jornais e sanduíches. Um céu azul intenso pairava sob as cabeças como um galhardete. Em uma cidade de nevoeiro e fuligem, um céu deste só poderia ser um bom presságio. Uma fanfarrinha tocava.

A Sra. Lloyd Feiffer, Matilda, esposa do novo proprietário estadunidense da embarcação, estava em uma plataforma ladeada com bandeirolas azuis e brancas, com uma garrafa de uísque escocês debaixo do braço.

— Não deveria ser champanhe? — perguntou ao marido.

— Não em Glasgow — respondeu ele.

Matilda deveria quebrar a garrafa contra a embarcação, batizando-a com o nome que dificilmente suportava lembrar. Estava impaciente pelo estilhaçar catártico do vidro, para cumprir sua tarefa logo, mas, por ora, só podia esperar. Houve um pouco de atraso. Lloyd estava inquieto, fazendo comentários pontuais ao arquiteto naval, que parecia paralisado de ansiedade. Alguns ingleses de chapéu-coco insatisfeitos circulavam pela plataforma, assim como dois escoceses do estaleiro e vários outros homens que ela não conseguia reconhecer.

Metade do navio já estava construído quando a L&O Lines, fundada em Nova York pelo pai de Lloyd, Ernst, em 1857, e herdada por Lloyd em 1906, adquiriu a frágil linha inglesa que o encomendara. (Tinha a encomendado, Lloyd sempre a corrigia, como se a embarcação tivesse vida própria, porém, para Matilda, navios eram apenas navios ou embarcações.) A blindagem já havia sido iniciada quando o dinheiro acabou, mas foi retomada assim que os dólares de seu marido foram convertidos em libras esterlinas e depois em aço. Os homens de chapéu-coco, vindos de Londres, conversavam melancolicamente entre si sobre o clima radiante, sobre a construção do navio, discutiam a respeito das plantas do estaleiro e como haviam escolhido um nome sensato para a embarcação, de que Lloyd desdenhara. E tudo isso para que um dia se tornasse obsoleta: homens cujas esposas eram adúlteras em chapéus cuidadosamente

escovados, em uma plataforma decorada com bandeirolas que tremulavam ao vento, a marchinha animada da banda de fanfarra borbulhando em volta de seus pés. A carreira de lançamento fora untada com sebo, para lubrificar o caminho da embarcação, e Matilda podia sentir o cheiro denso de animal impregnando suas roupas, alastrando-se sobre sua pele.

Lloyd queria um novo navio a vapor, para revitalizar a L&O. Quando Ernst morreu, a frota estava desgastada e ultrapassada, em sua maioria navios mercantes a vapor operando no comércio costeiro, além de alguns cargueiros com viajantes que rasgavam lentamente as águas do Atlântico e veleiros comerciais esgotados que ainda operavam nas rotas de grão e guano do Pacífico. Esta embarcação não seria a maior, ou mais rápida, ou o navio a vapor mais opulento da Europa — não seria nenhuma ameaça aos gigantes da White Star Line que estavam sendo construídos em Belfast —, mas Lloyd afirmara à Matilda que seria uma aposta respeitável no lago dos peixes grandes e abastados.

— Quais são as novidades? — rosnou Lloyd, surpreendendo-a. A pergunta fora dirigida a Addison Graves, *capitão Graves*, que estava parado ali perto — aproximando-se, na verdade, embora seu instinto habitual parecesse formular uma desculpa antecipada devido ao seu tamanho. O homem era magro, quase esquelético, mas tinha ossos enormes e pesados como porretes.

— Temos um problema com o mecanismo de controle — respondeu-lhe o capitão. — Não deve demorar.

Lloyd franziu a testa para a embarcação.

— É como se ela estivesse acorrentada. Seu destino é o mar, não acha, Graves? — perguntou Lloyd, tomado repentinamente pelo entusiasmo. — Você não acha que ela é absolutamente majestosa?

A proa da embarcação se erguia à frente deles, afiada como uma lâmina.

— Ela será uma boa menina — respondeu Graves de forma amena.

Ele seria o primeiro capitão do navio. Viera para o lançamento ao mar com Lloyd, Matilda e os quatro jovens filhos da família Feiffer — Henry, o mais velho aos 7 anos, Leander, o bebê de menos de 1 ano, e Clifford e Robert, os irmãos do meio. Todos estavam sendo cuidados por babás em algum lugar longe dali. Matilda tinha esperança de se aproximar de Graves na viagem. Ele não era rude, nunca fora descortês, mas seu comedimento parecia impenetrável. Mesmo suas tentativas de descobrir algo a respeito de seu trabalho não deram em nada. *O que o atraiu para o mar, capitão Graves?*, perguntou-lhe uma noite no

jantar. *Basta ir longe o suficiente, em qualquer direção, e você encontrará o mar, Sra. Feiffer*, respondeu-lhe o capitão, e ela se sentiu repreendida. Para ela, ele passara a representar a impenetrabilidade básica da vida masculina. Lloyd o amava incondicionalmente, tanto que parecia não amar mais ninguém daquela forma, pelo menos, não Matilda. *Devo a ele minha vida*, afirmara Lloyd muitas vezes. *Sua vida não pode ser uma dívida*, respondeu-lhe certa vez Matilda, *caso contrário, ela não pertence a você, e nada foi salvo*. Mas Lloyd apenas ria, perguntando à esposa se ela já tinha considerado se tornar filósofa.

Quando jovens, Graves e Lloyd haviam navegado juntos em uma barca à vela. Graves trabalhara como marinheiro, e Lloyd, recém-formado em Yale, estava fingindo ser um. Ernst, o pai de Lloyd, havia dito que o filho precisaria pegar a manha do ofício (literalmente) se quisesse herdar a L&O. Quando o azarado Lloyd caiu no mar do Chile, Graves foi rápido e preciso o suficiente para lançar uma corda e puxá-lo de volta a bordo. Desde então, Lloyd sempre venerou Graves como um salvador. (*Mas você é aquele que pegou a corda*, dizia Matilda. *Aquele que suportou ser puxado*.) Depois do Chile, à medida que Lloyd ascendia dentro empresa, assim também era com Graves.

A plataforma não estava mais à sombra. A transpiração fazia com que o espartilho de Matilda grudasse e friccionasse sua pele. Aparentemente, Lloyd achava que a esposa nascera sabendo como batizar um navio.

— Basta quebrar a garrafa na proa, Tildy — afirmava. — É muito simples.

Ela saberia o momento certo? Eles se lembrariam de lhe contar? Tudo o que sabia era que teoricamente seria avisada (por quem, não tinha certeza) no momento em que o navio começasse a deslizar, e ela deveria quebrar a garrafa de uísque contra a proa, assim batizando a embarcação de *Josephina Eterna*, em homenagem à amante do marido.

Quando, meses antes, à mesa do café da manhã, ela perguntara a Lloyd como a embarcação se chamaria, ele lhe contou sem tirar os olhos do jornal.

A xícara de Matilda não estremeceu quando ela a repousou sobre o pires. Ao menos poderia se orgulhar disso.

Era jovem, não muito, quando Lloyd se casou com ela. Seu marido contava com 36 anos, e Matilda, com 21 anos, idade suficiente para saber que estava sendo escolhida por sua fortuna e potencial reprodutivo, não por amor. Tudo que pedira era que Lloyd se comportasse com discrição respeitosa. Havia lhe explicado isso antes do noivado, e ele ouvira com gentileza, concordando

do que havia muito a ser dito sobre a privacidade individual do casamento, sobretudo porque a vida de solteiro lhe convinha tão bem por tanto tempo. “Nós nos entendemos, então”, disse ela e lhe ofereceu a mão. Solenemente, ele a apertou e depois beijou Matilda, na boca, por um bom tempo, e ela começou, apesar dos pesares, a se apaixonar. Falta de sorte.

No entanto, ela não voltaria atrás em sua palavra. Fez o melhor que pôde, conformou-se com as indiscrições de Lloyd, direcionando suas paixões para os filhos e a manutenção de seu guarda-roupa e de si mesma. Lloyd nutria certa afeição por Matilda, ela sabia, e era mais carinhoso na cama do que imaginava que alguns maridos eram, embora também soubesse que no fundo não fazia o seu tipo de mulher. Ele preferia mulheres temperamentais e insaciáveis, em geral, mais velhas que Matilda, não raro, mais velhas que ele próprio e, sem dúvidas, mais velhas do que o homônimo da embarcação, a tal Jo, morena e volúvel, que tinha somente 19 anos. Porém, Matilda sabia o bastante para entender que muitas vezes a amante era contra o desenlace matrimonial.

O nome do navio parecia uma retribuição medíocre à sua tolerância e generosidade, e, assim que conseguiu um momento sozinha, longe do tilintar barulhento da porcelana e dos olhos dos criados, derramou algumas lágrimas. Então, recompôs-se e seguiu em frente, como sempre.

Na plataforma, Lloyd se virou para ela, apreensivo:

— Está quase na hora.

Ela tentou se preparar. O gargalo era muito curto para que conseguisse manuseá-lo bem, ainda mais com as luvas de seda, e a garrafa acabou escorregando de suas mãos, caindo em um estalido surdo, perigosamente perto da borda da plataforma. Quando a pegou, alguém tocou seu ombro. Addison Graves. Gentilmente, ele pegou a garrafa.

— É melhor você tirar as luvas — disse ele. Assim que ela tirou, ele envolveu uma de suas mãos no gargalo e colocou a outra palma contra a rolha.

— Assim — prosseguiu, demonstrando um movimento de arco lateral. — Não tenha medo de atirá-la com força contra a proa, porque dá azar se a garrafa não quebrar.

— Obrigada — murmurou Matilda.

Na beira da plataforma, ela esperou pelo sinal, mas nada aconteceu. A proa estava em seu lugar, o imenso nariz arrebitado de uma coisa presunçosa e altiva. Os homens conversavam entre si com urgência. O arquiteto naval

saiu correndo. Ela esperou. A garrafa ficou mais pesada. Seus dedos doíam. No meio da multidão, dois homens começaram a discutir, causando tumulto. Enquanto ela observava, um atingiu o outro no rosto.

—Tildy, pelo amor de Deus! — Lloyd puxava seu braço. A proa estava se afastando. Tão rápido. Matilda não esperava que algo tão grande fosse tão rápido.

Ela se inclinou e arremessou a garrafa contra a parede de aço que se afastava. De forma desajeitada, por cima do ombro. A garrafa bateu contra o casco, mas não quebrou, apenas ricocheteou e caiu na carreira de lançamento, estilhaçando-se no concreto em um respingo de vidro e líquido âmbar. *Josephina* recuou. O rio se ergueu atrás da popa em um verde volumoso, desmanchando-se em espuma.

Amostra



Atlântico Norte
Janeiro de 1914
Quatro anos e nove meses depois

Na calada da noite, *Josephina Eterna* rumava em direção ao Leste. Um broche incalculável em preto acetinado. Um cristal solitário na parede de uma toca escura. Um cometa majestoso rasgando o céu vazio.

Abaixo de suas luzes e cabines em formato de colmeia, abaixo dos homens labutando em um calor infernal e em meio à poeira negra, abaixo de sua quilha cravejada de crustáceos, passou um cardume de bacalhãos, uma horda densa de corpos arqueados na escuridão com os olhos esbugalhados, embora não se conseguisse enxergar nada. Abaixo dos peixes: pressão e frio, léguas de escuridão e deserto, alguns seres estranhos e luminescentes, à deriva, atrás de restos de comida. Depois, o fundo arenoso, o vazio, exceto por rastros sutis deixados por camarões robustos, vermes cegos, criaturas que nunca saberiam que algo como a luz existia.

Na noite em que Addison Graves desceu para jantar e encontrou Annabel sentada ao seu lado, era a segunda parada do navio em Nova York. Ele descera da ponte de comando para a desarmonia alta e esfuziante da sala de jantar, sem o entusiasmo do silêncio masculino. O ar estava quente e úmido, cheirava a comida e perfume. O frio do oceano embrenhado em seu uniforme de lã evaporou; sentiu imediatamente um comichão devido ao suor. Em sua mesa, ele se inclinou, com o quepe debaixo do braço. Os rostos dos passageiros emanavam uma ânsia predatória por sua atenção.

— Boa noite — disse enquanto se sentava, sacudindo o guardanapo. Raramente tinha satisfação em conversar, sobretudo quando se tratava da conversa fiada autoenaltecedora exigida por passageiros abastados ou importantes o suficiente para disputar cadeiras na mesa do capitão. De início, não se atentou a nada além do vestido verde-pálido de Annabel. Do seu outro lado, estava uma mulher mais velha, vestida de marrom. O primeiro de uma longa série de pratos espalhafatosos chegou, trazido da cozinha por garçons vestidos em fraques.

Lloyd Feiffer havia promovido Addison a capitão assim que herdou a L&O, quando o corpo de seu pai ainda nem tinha esfriado no túmulo. Durante um jantar de negócios no Delmonico's, Lloyd lhe dera o comando de um navio, e Addison apenas assentiu, não querendo trair sua euforia. Capitão Graves! O garoto miserável que tinha sido há muito tempo naquela fazenda em Illinois finalmente desapareceria para sempre, reduzido a nada sob a sola de sua bota polida, atirado ao mar.

Mas Lloyd estava um pouco preocupado.

— Você terá que ser *cordial*, Graves. Terá que *conversar*. Eles também te pagarão por isso. Não fique assim, não será tão ruim. — Ele fez uma pausa, parecendo impaciente. — Você acha que consegue?

— Sim — respondeu Addison, a cobiça dominando o pavor em seu coração. — Claro.

Os garçons circulavam, entregando tigelas de *consommé*. À direita de Addison, a Sra. Fulana ou Sicrana de vestido marrom estava relatando as histórias de vida de seus filhos em grandes detalhes e com um articular de palavras tão lento e proposital que mais parecia que estava lendo os termos de um tratado. O cordeiro com geleia de menta foi servido e comido. Depois, o frango assado. Na salada, durante um breve intervalo na recitação de sua vizinha, Addison se voltou, finalmente, para a mulher de vestido verde-pálido. Annabel, ela disse que seu nome era esse. Parecia muito jovem. Ele perguntou se seria a primeira vez dela na Grã-Bretanha.

— Não — respondeu ela. — Já estive lá diversas vezes.

— Então você gostou?

A princípio, ela não respondeu. Então, quando falou, seu tom era objetivo:

— Não muito, mas meu pai e eu decidimos que seria melhor se eu deixasse Nova York por um tempo.

Uma confissão intrigante. Ele a estudou atentamente. Sua cabeça estava baixa; ela parecia concentrada na refeição. Era mais velha do que ele pensara inicialmente, com vinte e poucos anos, e muito bela, embora a aplicação descuidada de seu blush e batom lhe conferisse uma aparência carregada e febril. Tinha cabelos cor de creme como a crina de um cavalo palomino e sobrancelhas e cílios tão claros que eram quase invisíveis. De repente, ela levantou os olhos e sustentou o olhar fixo dele.

As íris de seus olhos eram de um azul-claro, filigranadas com um cruzamento de anéis resplandecentes e iluminados, como rajadas solares. Neles, ele reconhecera uma proposta, ousada e inconfundível. Conhecia o olhar das mulheres no Pacífico Sul, que relaxavam na sombra com os seios nus, de prostitutas meio escondidas na penumbra dos becos da cidade portuária, das *karayuki-san* que o conduziam para quartos iluminados por candeeiros. Ele olhou de relance para o pai dela do outro lado da mesa, um homem rosado e magro, porém robusto, falando de modo tempestuoso, aparentemente alheio à filha.

- Você está detestando tudo isso — falou Annabel em voz baixa.
- Conversar com essas pessoas. Sei disso porque também detesto.

Addison dispensou a sobremesa. Algo demandava sua atenção, perdoe-o. Ele deixou a sala de jantar, subiu dois lances de escada e saiu ruidosamente por uma porta — APENAS TRIPULAÇÃO —, direto para um pedaço aberto do convés, atrás da ponte de comando.

Ele apoiou os cotovelos no parapeito. Não havia ninguém por perto. O mar estava ligeiramente agitado. A linha de mármore da Via Láctea formava um arco no céu límpido e sem Lua.

Com educação, tinha negado detestar alguma coisa, afastado-se da jovem e perguntado a outra vizinha se ela tinha mais histórias divertidas sobre os filhos. No entanto, a presença contígua de Annabel continuava a consumi-lo por dentro. Vestido verde, cílios claros. Aquele olhar. Tão inesperado. Uma chama azul, inabalável e desconhecida.

Na ponte de comando, houve um certo alívio na atmosfera de atividades e, mais tarde, no bule de café da meia-noite levado para sua cabine, mas, ainda assim, a chama queimava. Na banheira, os joelhos ossudos se estendiam para fora da água. Ele deixou sua mão ser levada até a virilha, pensando nas bochechas coradas e nos fios soltos de cabelo claro na nuca dela.

Já passava da meia-noite quando ela bateu à sua porta. Ainda estava com o vestido verde, um fantasma. Não sabia como Annabel havia encontrado sua cabine, mas ela entrou apressadamente, como se o tivesse visto inúmeras vezes antes. Era menor do que ele pensava, sua cabeça alcançava apenas o meio do peitoral dele, e ela tremia de forma violenta. Sua pele estava azulada e muito gelada, e, nos primeiros minutos, ele mal suportou tocá-la por causa do frio.